

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E A EDUCAÇÃO DE AUTISTAS EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA

Autor; Aline da Silva Filgueiras

Universidade Estadual do Maranhão, alyny.filgueirassilva15@hotmail.com

Resumo: O presente artigo trata sobre como se desenvolveu o projeto, A formação dos professores e a educação de autistas em escolas da rede pública da cidade de São Luís realizado no período de quatro meses. A pesquisa foi realizada nas seguintes etapas: levantamento e estudo de referencial teórico sobre o tema, visita à escola para apresentação do estudo, entrevista com coordenação, aplicação de questionário com professores, análise de dados obtidos, elaboração de relatório parcial, retorno à escola para receber os relatórios, elaboração de relatório final e apresentação oral do mesmo. Nas observações finais da pesquisa, podemos perceber que a falta de preparo das escolas é notório e ainda mais alarmante quando se encontra professores que não tem nem mesmo o ensino superior completo. É inegável a presença de alunos autistas em escolas públicas, se à todos é assegurado o direito de educação de qualidade, de tal modo deve ser incluindo autistas, tendo acesso a professores qualificados. O projeto, a partir de seus estudos e resultados obtidos, incentiva os professores por meio dessa pesquisa, a se profissionalizar e a atender às especialidades e características de cada criança.

Palavras-chave: Formação dos professores. Educação de autista. Escola

Introdução

O autismo é um distúrbio no desenvolvimento permanente e severamente incapacitante, de acordo com a ASA – Autism Society of América (1999). Com base nesse conceito o autismo é tratado como uma doença sem cura e que não deixa chances para uma vida com qualidade. Hoje, já colocado como TEA- Transtorno do Espectro Autista, deixa de lado o conceito de doença. Tratar o autista como um ser humano, é dar o direito básico da vida de qualquer pessoa, a socialização. Com bases em pesquisas, sabe-se que a tendência ao isolamento é uma característica sintomática, mas não determinadora de toda a vida. Desenvolver as habilidades cognitivas do aluno autista é romper com concepções pré-conceituadas a respeito de coisas que essa pessoa não consegue fazer. Por esse motivo contata-se que boa parte dos professores desconhece o autismo e muito menos sabem como trabalhar com essas crianças, não tornando a aprendizagem acessível, muito menos fazendo do ambiente de sala de aula, um lugar inclusivo.

A proposta foi trazer a formação do profissional da educação como fator imprescindível para que ao trabalhar com crianças autistas tenha conhecimento sobre a síndrome, concebendo assim um ambiente de maior aprendizado e socialização. O desenvolvimento cognitivo do aluno autista, se acompanhado do professor, dentro do contexto social da criança pode contribuir para o seu crescimento na aprendizagem. Portanto deve-se dar maior atenção a esse

tema, dedicando-se a estudar com maior relevância e a planejar ações que torne a vida dos autistas mais satisfatória

De acordo com uma pesquisa feita pelo jornal O GLOBO (FERNANDES, 2012), o autismo tem se tornado cada vez mais frequente, ao consultarem a ONU, contataram que atualmente existem mais de 70 milhões de pessoas autistas no mundo, o que atribui à escola e aos professores maior responsabilidade com essa vertente. Considerando, segundo a Política Educacional da Educação Especial – PNEE (BRASIL, 1994), esclarece que a Educação Especial:

[...] se caracteriza por alguns elementos tais como: Currículo especial ou adaptações ao currículo comum, recursos materiais, equipamentos e aparelhos específicos e pessoal profissionalmente preparado. Dentre tais elementos, o pessoal profissional particularmente o professor, constitui o pilar fundamental. Evidentemente ao lado das condições gerais e específicas de que dispõe para o desenvolvimento de seu trabalho e de sua posição no contexto educacional e social em que atua, a competência profissional do docente “põe em cheque” o funcionamento da educação escolar. Necessariamente mediadas pela educação comum, educação especial e a situação de excepcionalidade na educação escolar dependem fundamentalmente da qualidade ou da competência dos professores comuns ou especializados. (1993, p. 401)

Atribuindo maior ênfase a últimas frases, torna-se claro que ao professor é atribuída a responsabilidade e a importância de uma formação consistente que possibilite ao profissional atuar com os educandos autistas, pretendendo desenvolver ao máximo suas habilidades e competências, além de oferecer um ambiente harmonioso, a fim de aproximá-lo dentro do possível das relações sociais humanas. Conhecer a realidade da formação dos professores na comunidade escolar é de fundamental importância, pois assim foi possível compreender como está acontecendo o atendimento destinado aos alunos autistas, em escolas da rede pública na cidade de São Luís. Como objetivos desta pesquisa se manteve em compreender a formação de educadores no âmbito da educação de autistas como também como específicos desse processo, conhecer o autismo e suas características; relacionar o aprendizado do aluno autista com a formação do professor; verificar nas escolas se existe formação continuada voltada para educação de autistas e identificar se os professores possuem formação adequada para atuarem com alunos autistas.

Metodologia

Diante de tal exposto, a pesquisa realizada nesse projeto foi de caráter qualitativo e investigativo, na intenção de dar maior profundidade aos estudos acerca da formação dos professores no âmbito da educação especial de autistas, por meio das pesquisas bibliográficas, como também de leis de políticas educacionais da educação especial, para maior esclarecimento dos direitos dos alunos autistas, tal como a responsabilidade do professor em possibilitar maior qualidade na sua prática docente.

No que se refere à investigação, foram realizados questionários com os professores, o que tornou possível compreender como ocorre o atendimento educacional voltados ao público autista, focando principalmente na formação do professor como requisito principal de sua prática docente para com os alunos autistas.

Foram realizados os questionários em três escolas da rede pública, sendo a primeira escola da educação infantil e fundamental menor, a segunda escola com o fundamental maior e a terceira escola com alunos do ensino médio.

Relação entre formação dos professores e aprendizado do aluno autista

Quando se pensa nos termos ensino e aprendizagem é imediato pensar nos sujeitos desse processo o aluno e o professor. Ambos nessa relação promovem trocas cotidianas que promovem o desenvolvimento do educando, chamamos essa ação do professor de mediação, que para tal acontecer necessita planejar, implementar e dirigir, tudo isso com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço da ação e reflexão do aluno, não colocando nesse contexto a condição do autista, o professor na sua graduação pode alcançar êxito na sua prática. Mas quando se trata de alguma especificidade de aprendizagem do aluno é necessário estudar para atendê-lo nesse aspecto.

Dentre as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, descrita no Art.2º VII Lei Nº 12.764, destaca-se “O incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como à pais e responsáveis”. É notório que existe a necessidade de um mediador, mas para tanto, se torna indispensável uma formação voltada para o Atendimento Educacional Especializado. Essa formação não deve ficar restrita aos professores da sala de recurso ou mesmo aos de educação infantil, todavia se deve abranger

toda a educação básica e permanecer com toda a assistência no ensino superior. Pois ainda no rigor desta lei postula-se, nas diretrizes do Art 2º IV nos termos do direito das pessoas com transtorno do espectro autista,” o acesso à educação e ao ensino profissionalizante”, sim, profissionalizante porque se acredita que esta pessoa pode chegar ao mercado de trabalho. Sendo nível técnico ou superior.

O professor provavelmente encontrará obstáculos dos mais diversos, que podem vir desde as dificuldades de seus alunos à estrutura para desenvolver seu trabalho, porém o resultado lhe fará sentir-se imensamente recompensado, quando deparado com as conquistas de aprendizagens de seus alunos, como coloca Freire “os facilitadores do encontro dele com ele próprio e com outras pessoas, os criadores de infinitas oportunidades, de vivências cognitivas e afetivas, das quais ele tanto precisa para aprender significar o mundo e principalmente a ‘se significar’ dentro dele. (FREIRE Apud CALVALCANTE, 2009, p.158)

Resultados e Discussões

O projeto formação dos professores e a educação de autistas fora desenvolvido em escolas públicas de São Luís, sendo duas da rede municipal e uma da rede estadual, duas localizadas no bairro da Alemanha e uma no bairro Cohab Anil. Para discutirmos o que foi apresentado até aqui sobre a formação dos professores que atuam com alunos autistas, faremos uma análise dos dados coletados, através das pesquisas realizadas com 6 professores. É preciso considerar que para abordarmos a temática em pauta, os dados serão analisados e discutidos partindo dos objetivos e das questões do questionário que foram elaborados para esta pesquisa. Os nomes das escolas não serão mencionados no relatório de pesquisa em questão afim de preservar a imagem das mesmas. Desta forma, foram dados às escolas nomes fictícios, chamadas respectivamente de escola A, B e C, assim também aos professores serão preservadas suas identidades, sendo chamado no relatório de professor 1 e assim progressivamente.

ESCOLA A

A escola A, aqui referida no relatório, abrange a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, é uma escola que se situa no bairro da Alemanha que por sinal, é considerado um ambiente de muita violência, assaltos, periferias acometidas pelas drogas. Quanto à estrutura da escola, não foi possível registrar com fotos, mas se pode relatar que é um ambiente muito escuro, com uma aparência descuidada, paredes descascadas, sem pintura, com pouco espaço para as crianças, o piso de cimento, enfim alguns aspectos físicos da escola

que demonstram o quanto ela é desassistida pelas competências do município. A escola compreende ter cinco alunos autistas, dois pela manhã e três pela tarde, com diagnóstico.

Nesta escola foram entrevistados três professores da educação infantil, a qual todos eles trabalham com alunos autistas diagnosticados por especialistas. Por conseguinte, foi realizada várias visitas, até que aplicamos o questionário, com perguntas a respeito de seus conhecimentos e vivências escolares com crianças autistas. Apenas dois professores atenderam ao questionário, as quais serão descritas abaixo, correlacionando os fatos.

A professora 1, trouxe aspectos bem preocupantes para a equipe, considerando que, em sua formação, possui ensino superior incompleto, mas o que torna este caso ainda mais curioso é o fato de responder ao questionário, ter uma especialização, quando nem mesmo a graduação não está completa, como também não identificou qual especialização fez. O que torna a educação de seus alunos ainda mais fragilizada, em especial alunos autistas. Suas respostas foram basicamente curtas, sem explicação, restritas entre “sim”, “não” ou “tem”, o que demonstra a frágil formação. Quando perguntada se trabalha com alunos autistas e quais os tipos, não respondeu, no entanto, a coordenadora da escola, olhou o questionário e na frente da equipe de pesquisa, respondeu pela professora, identificando como “leve”. Quanto às estratégias adotadas para possibilitar um maior aprendizado ao aluno autista, respondeu que dentro da sala de aula trabalha com atividades diferenciadas, mas que inclusive, não relatou quais atividades e como trabalha com seu aluno. Ao final, relatou nunca ter participado de uma formação continuada voltada para a educação especial, mas que gostaria de participar.

Ainda na escola A, foi aplicado o questionário com a professora 2 que respondeu ter ensino superior completo, relatou ter tido em sua formação acadêmica, apenas uma disciplina na área de educação especial. Não tem nenhuma especialização na área da educação especial. Quando perguntado sobre os tipos de autismo de seus alunos, respondeu “autismo”, demonstrando a falta de conhecimento sobre seu aluno. Em relação às estratégias, respondeu trabalhar com atividades diferenciadas, sem detalhes ou quais atividades adota. Informou não ter participado de formação continuada na área de educação especial, mas tem interesse.

ESCOLA B

Na escola B situada também no bairro da Alemanha da cidade de São Luís MA, próximo à escola A, quanto ao ambiente, foi observado um espaço amplo, arejado, com muita iluminação solar, com rampas de acessibilidade. Nesta escola, da rede municipal compreende os anos finais do ensino fundamental, do 5º ao 9º ano. Nesse contexto, os professores dessa escola são por disciplinas e de acordo com a coordenadora da escola, disponibilizou a

informação de que nenhum professor tem formação especializada em educação especial ou nem mesmo formação continuada, que até acontece, mas não na área de educação especial e muito menos em relação aos alunos autistas.

A única maneira de educação nesta escola, em que os alunos são assistidos é em uma sala de recurso, onde cinco alunos autistas têm apoio e um maior aprendizado. A professora da sala de recurso é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, com especialização em Atendimento Educacional Especializado, trabalha na sala de recursos, com autistas de nível leve (tipo 1) e nível severo (tipo 3). Descreveu as estratégias adotadas: “Como autista aprende melhor através de imagens, ou seja, sua aprendizagem é visual. Sempre faz-se necessário trabalhar com material (imagem, material manipulável, e com associações de imagens, letras, palavras e sílabas)”. É possível perceber nesta fala da professora, o aprofundamento teórico de conhecimento que tem sobre seus alunos, que só foi possível através de sua especialização e formação continuada. Participou de formação continuada na área da educação especial.

ESCOLA C

Na terceira escola, a Cônego Ribamar Carvalho, três professores, dois deles com apenas o ensino superior completo, e uma professora com ensino superior completo em pedagogia, com pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado e especialização em Metodologia da Língua Inglesa, trabalha na sala de recursos com Autista atípico.

Podemos perceber que os dois professores da terceira escola que possuíam apenas o ensino superior completo, com pouca informação sobre os alunos com quem trabalhavam. Procuramos saber quais estratégias os professores adotavam para um maior aprendizado para seus alunos autistas, e as falas foram: “Utilizo pesquisas na internet” (Professor 1- sala regular).” Pesquisas na internet e busco auxílio através da professora de alunos especiais” (Professor 2 - sala regular). Quanto à professora da sala de recurso relatou que:

Uso de materiais adaptados, metodologia apropriada, TI (Tecnologia da informação), uso de comunicação alternativa, como pranchas de comunicação, uso de software ou aplicativos em tablets, ipods ou computador touch screen de comunicação alternativa para aqueles que não fazem uso de linguagem verbal (Professor 6 – sala de recurso)

De acordo com o relato da professora, fica clara a importância de se conhecer estratégias que irá dar ao aluno maiores possibilidades de aprendizagem. Sobre o que foi citado NÓVOA (1995, p.25) alega que:

A formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1995, p.25)

Um aspecto que interfere diretamente na prática docente, é a formação do professor, e apenas a graduação não é suficiente para capacitar o professor para compreender como lidar com alunos autistas. A formação continuada voltada para a educação especial é de extrema importância. Foi questionado se os professores já haviam participado ou pretendiam, sobre a formação continuada. Relataram que: “Tenho vontade de participar” (Professor 4- sala regular), “Ainda não participei, mas tenho interesse” (Professor 5- sala regular), “Já participei e gostaria de participar de mais cursos” (Professora 6- sala de recursos). Ressalta-se que é de fundamental importância que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto ao autista, seja um conhecedor da síndrome e de suas características, considerando que:

As dificuldades que o autista tem de socializar-se acarretam vários problemas, dentre eles, uma pobre consciência do outro, que em muitos casos é responsável pela incapacidade de imitação, seguida da dificuldade de se colocar no lugar e compreender fatos a partir da perspectiva da outra pessoa. Quanto às dificuldades no uso da imaginação pode-se elencar segundo Mello (2004): Rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. Isto pode ser exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. (ALVES, 2009, p. 21-22)

Portanto, por mais que sejam enormes os obstáculos, que podem ir desde a estrutura da escola para desenvolver o trabalho, às dificuldades dos alunos, os resultados trarão grande recompensa. Fazer uma especialização, formação continuada, estudar seu aluno é ato de humanização, além de tornar realidade uma educação de qualidade para todos. Não basta apenas que o aluno esteja na escola, é preciso que seja garantido que esse aluno autista esteja recebendo toda a estrutura física de uma escola e profissional de um docente para melhor aproveitamento do seu desenvolvimento.

Conclusões

Diante do que foi estudado e analisado se compreende que, embora a educação de autistas seja muito discutida, ainda possuem assistência inadequada para o desenvolvimento do aluno com autismo, pela falta de infraestrutura das escolas, falta de profissionais capacitados para a área, e esse despreparo interfere diretamente no aprendizado e no desenvolvimento do autista. Para que o aluno autista se beneficie é preciso que os profissionais da educação tenham conhecimento das dificuldades dos seus alunos.

Através desse trabalho, se percebeu que os professores, principalmente das salas regulares, não possuem formação adequada para atender de uma melhor forma esses alunos. Compreendeu-se que para que haja um bom desenvolvimento e aprendizado, devido às necessidades que caracterizam a criança autista, já foi comprovado que ela não aprende do mesmo modo que as outras crianças, afinal cada um tem ritmo e formas diversificadas de aprender, ou seja, a metodologia de ensino deve ser diferenciada, voltadas a suprir as necessidades do aluno com autismo.

Havia o interesse primário em ter feito entrevistas com os professores, no entanto a disponibilidade deles se tornou inviável. Por consequência, a solução apontada foi utilizar o questionário de forma que não atrapalhará o horário da professora e nem tirá-la da sala de aula. Grandes foram os desafios enfrentados, que precisou de muita persistência para conseguir aplicar a pesquisa. Muitos professores criaram barreiras para não realizar o questionário e mesmo outros nem responderam, entregaram sem nenhuma observação. Não é difícil encontrar alunos autistas em escolas de ensino regular, existem muitos pais que não têm condições de proporcionar ao filho um atendimento mais acompanhado por profissionais capacitados. A importância e o valor da formação especializada do professor está neste quesito, em trazer maior qualidade de ensino assistido aos alunos autistas da rede pública municipal e estadual da cidade de São Luís.

Referências

ASA - Autism Society of América. Autism. **Department of Health and Human Services**. Public Health Service National Institutes of Health. U.S.: 1999.

ALVES, CAVALCANTE, TORRES. **Formação de professores e educação de autista**. Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas. UEA, Amazonas, 2009.

BRASIL Ministério da educação e Cultura. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional da Educação Especial.** Brasília, DF, 1994.

BRASIL, **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Lei N° 12.764.** Brasília, DF, 2012.

FERNANDES, Lilian. **Autismo, cada vez mais frequente.** Jornal O Globo, São Paulo, 2012.

NÓVOA, Antônio (organização). **Os professores e sua Formação.** 2° Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.